



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLITICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Palhássaro

Miguel S. de Carvalho¹

Nilton G. Gamba Jr.²

Resumen:

Este artigo reflete sobre a inspiração em O Narrador, de Walter Benjamin para a criação do espetáculo de circo teatro intitulado Palhássaro. Esta narrativa conta a trajetória de um pássaro ficcional melancólico e entediado. Descrito como uma espécie rara da fauna brasileira, esta espécie possuiria características psicológicas e físicas que são responsáveis por todo o desenvolvimento da trama. Sem diálogos, a peça conta com a presença de um narrador que ao final, no momento da morte do personagem principal revela ser ele próprio o protagonista. A revelação no momento da morte remete à autoridade descrita em O Narrador. Autoridade que associa verdade e memória possíveis apenas na experiência terminal. Como referência explícita à esta obra do autor, o personagem/pássaro recria o pássaro do tédio das reminiscências benjaminianas.

¹ Mestrando em Design na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

² Professor do Departamento de Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC-Rio.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Palhássaro

Introdução

Da obra de Walter Benjamin traremos como recorte o texto O Narrador (1987), propondo uma análise sobre o espetáculo intitulado Palhássaro, apresentado na cidade do Rio de Janeiro, em dezembro de 2009.

O objetivo geral deste artigo é refletir sobre as principais questões levantadas pelo Benjamin sobre a narrativa, partindo dos apontamentos feitos no contexto da produção e recepção da narrativa em Palhássaro.

O espetáculo apresentado pela Companhia NósNosNós, tragédias e comédias aéreas, buscou através da mistura de acrobacia, dança, música, interpretação e circo, contar a história de um pássaro ficcional da fauna brasileira: o Palhássaro. O termo foi criado pelo autor (juntando as palavras Palhaço – relativo ao universo teatral e circense com Pássaro) para denominar a espécie de pássaro que intitula a peça.

A Cia NósNosNós que já trabalha com acrobacia aérea e teatro há quase 10 anos, foi contemplada com dois prêmios que viabilizaram a montagem do espetáculo. O primeiro, trata-se do Prêmio Interações Estéticas, promovido pela Fundação Nacional de Artes (FUNARTE) em parceria com a Secretaria de Cidadania Cultural (SCC) do Ministério da Cultura, do Governo Federal do Brasil no ano de 2008 (?). Este prêmio permitiu a parceria entre 3 instituições para o aprendizado e a confecção do Domo e sua utilização como aparelho de pesquisa acrobática. A companhia NósNosNós em parceria com o Laboratório de Design de Histórias (LaDeh) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), buscou aprender a metodologia de montagem do Domo Geodésico desenvolvida pelo LILD (Laboratório de Investigação em Living Design), da mesma universidade, e transmitir esta tecnologia aos jovens da ONG de Circo Social Crescer e Viver e posterior pesquisa acrobática sobre este aparelho. O Segundo – Prêmio Carequinha de Estímulo ao Circo - contemplou o projeto de desenvolver o espetáculo Palhássaro, com a proposta de aprofundar os resultados obtidos com essa primeira pesquisa. Este último foi contemplado pela mesma instituição - FUNARTE em parceria com a SCC, do Ministério da Cultura do Governo Federal do Brasil – no ano de 2009.

O Narrador

Resumidamente podemos dizer que em O Narrador Benjamin aponta para a eminente extinção da arte de narrar, segundo ele proporcionada pela privação da faculdade de intercambiar experiências. Para Benjamin “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorreram todos os narradores. (...) O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros” (BENJAMIN, 1987 p. 201). Sendo assim classifica-os em duas categorias: a primeira diz respeito a “Quem viaja tem muito que contar” (BENJAMIN, 1987 p. 198), fruto da imaginação popular do narrador como alguém que vem de longe; e a segunda fala do homem que residiu toda a vida em seu país e conhece as histórias e tradições locais.

Um outra característica trazida pelo autor é a capacidade do narrador de dar conselhos. Pois, para ele “Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história” (BENJAMIN, 1987 p. 200).



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

O Romance surgido no início do período moderno, e seu meio impresso de divulgação e popularização, não procede, segundo Benjamin, da tradição oral nem a alimenta. Observando a difusão do romance impresso em sua época, Benjamin observa que aquele romancista tem uma busca por isolamento, o qual não o permite falar mais exemplarmente sobre suas preocupações e que faz com que não deem nem recebam mais conselhos, portanto, desprovido de sabedoria “substância viva da existência”(BENJAMIN, 1987 p. 200).

Outra grande ameaça surgida com a burguesia, e proporcionada pela imprensa, um conflito para a experiência narrativa, e que em última análise vai gerar uma crise também no próprio romance, é a informação. “Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes.” (BENJAMIN, 1987 p. 203) A razão disso, segundo Benjamin, é de que os fatos já vem acompanhados de explicações, quase nada, portanto, está a serviço da narrativa, pois “Metade da arte de narrativa está em evitar explicações. A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento (...) Muito diferente é a narrativa. (...) Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver. (...) Ela se assemelha a essas sementes de trigo que durante milhares de anos ficaram fechadas hermeticamente nas câmaras das pirâmides e que conservam até hoje suas forças germinativas”. (BENJAMIN, 1987 p. 203 e 204)

Mais um ponto que podemos destacar em O Narrador e que nos auxiliará na análise posterior é quanto ao fim social da experiência da morte, e seu impacto sobre a arte de narrar. Essa talvez tenha sido uma das mais interessantes pontuações sobre a narrativa, para a análise que pretendemos. O fato a que chama atenção Benjamin, de que a partir do século XIX a sociedade produziu instituições higiênicas e sociais, as quais privou os homens assistir ao espetáculo da Morte. Perde-se com isso, na consciência coletiva, sua onipresença e principalmente seu poder de evocação. E perde-se portanto o saber e a sabedoria do homem e sobretudo sua existência viva (substância da qual dão feitas as histórias), pois é o momento da morte que elas adquirem pela primeira vez, uma forma transmissível. E é nesse momento em que Benjamin traz o conceito de *Autoridade*, que o indivíduo adquire no momento da morte, pois é nesse momento que se encontra “a sanção de tudo o que o narrador pode contar. É da morte que ele deriva sua autoridade”. (BENJAMIN, 1987 p. 208)

No que compete ao receptor da narrativa, ou seja o ouvinte – já que Benjamin vai tratar da narrativa oral em especial – “o importante é assegurar a possibilidade da reprodução” (BENJAMIN, 1987 p. 210), e desse fato traz-se um outro conceito muito importante não obra do autor que é a *Reminiscência*. Esta “funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração” (BENJAMIN, 1987 p. 211). E é analisando a narrativa, segundo a reminiscência, que a ela Benjamin vai associar o termo ‘Memória’, deixando para o romance o termo Rememoração.

Um outro ponto também bastante importante para a leitura deste espetáculo, a luz de O Narrador, é a diferença colocada entre o final de uma narrativa, aberto e plural, que permite discorrer sobre as várias possibilidades de continuação e outras histórias; e o romance de sua época, no qual o fim do texto encerra nele o final da história e convida a possibilidade de reflexão sobre o sentido de uma vida.

Encerro essa breve releitura de O Narrador com uma citação encontrada no final do texto e que nos ajudará a abrir a reflexão quanto ao espetáculo:

“Assim definido, o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é conta-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida.(...) O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo.” (BENJAMIN, 1987 p. 221)

Palhássaro

O espetáculo Palhassaro inicia com uma figura visualmente caracterizada como uma Dama do século XIX, que com sua saia, esconde a estrutura semi-esférica (Domo Geodésico), na qual se desenvolve toda a peça, ora como cenário ora como aparelho acrobático. Neste momento, a figura de um narrador aparece diante da platéia, e apresenta o personagem principal, de nome Palhássaro, sua origem e características peculiares. Fato este que vai se repetir algumas vezes à medida que novos personagens (também pássaros) entram em cena.

Dentre as características do pássaro ficcional, descrito pelo narrador, podemos destacar sua plumagem azul celeste no peito e na cabeça, sua capacidade de, com essas características físicas, se camuflar no céu, em pleno vôo, quando de asas fechadas. Alerta ainda que este vôo é de enorme perigo, pois sabe-se que é bastante arriscado fechar as asas em pleno vôo. Mas este pássaro tem o prazer de arriscar-se pelo simples fato de poder desaparecer do mundo por alguns instantes. Outro aspecto levantado pelo narrador é que este pássaro possui uma mais uma característica muito peculiar à espécie, ele vive alternando viver em bando ou sozinho, revelando nessa inconstância um animal profundamente insatisfeito e em busca da paz.

Logo em seguida aparece a figura dos pássaros e, em meio deles, identificado apenas por um colete e um chapéu de cor azul celeste o Palhássaro – figurino que possibilita a troca por todos os atores durante o espetáculo, fazendo com que o protagonista da peça esteja cada momento representado por um ator. Os pássaros que o acompanham nessa segunda cena são os tico-ticos. Desse encontro, marcado pela algazarra dos pequenos pássaros, descreve-se a lembrança da infância, da inexperiência dos pássaros novos que ao fim, depois de encontra-se com uma arapuca e brincar com ela, desconhecendo o risco, um fica preso – justamente o Palhássaro, que é então abandonado pelo bando.

Apos a prisão do Palhássaro surge no espetáculo a figura do pardal, trazendo consigo a experiência de viver na cidade grande. Lee vive na cidade grande desde a sua vinda, para o Brasil junto com a corte real. Essa experiência é trazida ao protagonista, como um conselho – característica dos narradores, segundo Benjamin. Neste momento o ato de narrar aparece ao trazer ao público a experiência do Pardal de chegar em terras desconhecidas (Portugal) e ter de se adaptar a nova alimentação, a nova realidade (Brasil), aos riscos, etc.

Na cena seguinte, chama atenção a entrada de um pássaro na perna de pau. Com dificuldades de locomoção, em poucos gestos percebe-se que é cego. Acompanhando a sua coreografia, a trilha sonora traz ao público a música ‘Assum Preto’, do músico brasileiro Luiz Gonzaga. A letra da música conta a experiência dramática de um pássaro, um Assum Preto que padece por terem-lhe cegado (com o objetivo de tornar seu canto mais bonito). Trata-se de um mito que existe entre os criadores de pássaros de cegar os animais, furando-lhe os olhos, com o objetivo de que o pássaro cante



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

melhor. Na música, o personagem que conta a história do pássaro cego, diz sentir a mesma dor ao comparar a perda de seu amor, com a cegueira do Assum Preto.

Utilizando-se da encenação, de truques de acrobacia em perna de pau, e da música, o espetáculo traz a experiência triste da cegueira de um pássaro e a compara com a dor de um fim de relacionamento amoroso, como um presságio para o que irá acontecer posteriormente com o Palhássaro.

Aos poucos as diferentes espécies de pássaros vão aparecendo e as diversas situações que cada um traz na relação com o palhassaro vão constituindo cena a cena o que Benjamin chamaria de “substância viva da existência” (BENJAMIN, 1987 p. 200). E o narrador vai colhendo essas experiências e trazendo ao público, seus próprios comentários e principalmente pontuando conselhos de tal maneira a “menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história”. (BENJAMIN, 1987 p. 200)

Novamente solitário, o Palhássaro parece agora estar interessado nessa solidão. O narrador, buscando uma cumplicidade com o público, vai provocar, sem dizer claramente, mas buscando na interpretação do público adulto, a compreensão de que se tratava de uma experiência de prazer que se faz solitário – a masturbação. O espetáculo tinha como público alvo tanto adulto quanto crianças, trazendo na possibilidade de multileituras, sua riqueza de interpretações.

Novamente juntando gestos, acrobacia, música e elementos de cenário, a cena é construída de tal maneira que sua melhor compreensão só é permitida através dessa leitura híbrida.

Ao findar a cena, entram novamente os tico-ticos, demonstrando estar brincando e preparando um susto para o Palhássaro que neste momento dorme no topo da estrutura de bambu. Ao acordarem o Palhassaro, que cai do domo, todos se juntam a ele numa pequena algazarra. Depois da brincadeira o pássaro inconstante novamente se desinteressa pelo grupo e parte então para uma viagem. Decide migrar para a cidade.

Temos agora a associação direta que sugere Benjamin, ao comparar o narrador a um viajante que tem nas suas experiências de viagem, matéria prima para suas narrativas. “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros” (BENJAMIN, 1987 p. 201). No espetáculo, o Palhassaro representa uma viagem ao caminhar sobre o domo, encontrando pelo caminhos diversos outros pássaros. A busca pelo desconhecido, que impulsiona o viajante em sua jornada, proporciona muitas experiências com culturas, pessoas e relações diversas. Delas o narrador constrói seu repertório: “Quem viaja tem muito que contar”. (BENJAMIN, 1987 p. 198)

Ao chegar à cidade grande, depara-se com a multidão. E é em meio a essa multidão que ele novamente sente-se solitário. Não pelo isolamento físico ou pelo distanciamento espacial dos demais pássaros, mas, dessa vez um distanciamento social. É a experiência de estar em meio à cidade grande, a solidão das multidões. Mas não ter companhia o impulsiona a procurar uma parceria.

Agora não mais a um grupo, mas a um parceiro, Palhassaro busca o fim de sua solidão. Numa busca pelo retorno a sua origem (no interior), ele junta-se a outro pássaro também de origem interiorana para formar uma dupla sertaneja. De uma maneira abstrata, a dupla, por intermédio de acrobacia e música, nos proporciona uma espécie de espetáculo musical. Através da música, os dois buscam na memória, referência a sua terra, sua origem.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Percebe-se neste momento um momento na peça onde o protagonista depara-se com lembranças de sua própria vida e não mais experiências “inéditas” vividas diante do público. Sua nostalgia pela sua origem, compartilhada pelo Bem-te-vi, parceiro de cantoria, traz ao público uma memória de uma vida já acompanhada pelo público.

Logo após o “sucesso” da dupla, o protagonista abandona a dupla ao apaxionar-se por uma fêmea da mesma espécie. Finalmente parece ter encontrado alguém que o compreende-se. Depois de uma longa disputa, entre os pássaros, o Palhássaro conquista a fêmea e os dois têm um romance curto.

Novamente mesclando acrobacia, dança, música e narração, a cena de amor entre os dois, incluindo sexo, é apresentada metaforicamente. Assim, tanto público adulto, como público infantil pudessem acompanhar o envolvimento do casal. Dessa experiência amorosa, o protagonista tem sua “maior decepção”: encontrar em um semelhante, em alguém da mesma espécie sua própria característica. E assim como ele, a fêmea também sofre de inconstância e o abandona. Desolado, o Palhássaro opta por desaparecer do mundo, numa tentativa de fugir da dor da solidão. Sem poder nem ao menos condenar sua parceira, por sofrer ela do mesmo mau que o atormenta. “O justo se encontra consigo mesmo”. Assim, trazendo a cena o que Benjamin traz na obra como o “justo”, o protagonista decide isolar-se de vez e então fazer o tão arriscado vôo que o camufla no céu. (BENJAMIN, 1987 p. 221)

De uma maneira delicada e poética, o espetáculo apresenta ao público a experiência da morte. Aliás, o “espetáculo da morte” que comenta Benjamin e que faz referência ao momento onde adquire o moribundo a autoridade da morte, pois é nela que está “a sanção de tudo o que o narrador pode contar. É da morte que ele deriva sua autoridade”. (BENJAMIN, 1987 p. 208)

Daquele rápido relacionamento a fêmea depositou deus ovos, dos quais nascerão os descendentes do protagonista. O narrador nos apresenta que mesmo não conhecendo o pai, os pequenos filhotes conheceram sua história e trazem consigo o conceito de reminiscência, proposto por Benjamin, que segundo ele “funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração. (...) O importante é assegurar a possibilidade da reprodução”. (BENJAMIN, 1987 p. 210) E a reprodução aqui representada não só pela possibilidade de rememoração da narrativa, como a reprodução biológica do pássaro.

Diante dos ovos, representados por truques de acrobacia aérea, o público depara-se com a possibilidade de perpetuação da espécie. E assim, como a semente de trigo, comentada por Benjamin, os pequenos ovos são símbolos também da perpetuação da narrativa que “conservam até hoje suas forças germinativas”. (BENJAMIN, 1987 p. 204)

E ao final da história, como encerramento também dessa análise, o narrador revela-se o protagonista. Que conta sua própria história. Como o narrador de Benjamin, que viaja, vive suas experiências para depois retirar delas suas narrativas. Os filhos são além de símbolos da perpetuação, os alvos dos conselhos de seu pai. E por fim, mais uma característica das narrativas descritas por Benjamin, quanto a sua capacidade de colocar-se aberta. Aberta a continuidade, a possibilidades e principalmente, interpretações e leitura diversas.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Conclusão

A reflexão que pode-se retirar do espetáculo, em seu paralelo com Benjamin se desdobra em diversas direções. Cabe aqui optar por algumas, para permitir certo aprofundamento. A primeira pontuação que vale destacar é a presença do narrador oral no espetáculo e que curiosamente também é o protagonista da narrativa, mas só revelado ao final. Benjamin já traz no início de *O Narrador*, a necessidade do distanciamento e de um certo ângulo de observação, para que haja a experiência. Como alguém localizado a distancia de um rochedo, que enxerga nele um rosto humano ou um animal. E é justamente essa revelação tardia do narrador da história, que não assume ser o protagonista desde o início, que permite ao observador e ao próprio narrador, em primeira instância, estabelecer esse distanciamento. Para nós, esse rochedo descrito por Benjamin se trata de um Domo, de uma estrutura de bambu que nos permite observar a distancia e reconhecer em interações acrobáticas e performances coletivas, as ilustrações que acompanham essa narrativa. É nesse “rochedo”, que visualizamos humanizado, a figura de um pássaro e suas experiências de vida.

Justamente por se tratar de uma história “auto-biográfica”, onde a figura do narrador revela momentos de sua trajetória de vida e nos apresenta, como toda a dimensão poética cada passagem e cada experiência vivida, que o tema Memória se torna tão presente. A Memória é ressaltada por Benjamin como “a mais épica de todas as faculdades” (BENJAMIN, 1987 p. 210) e é somente ela que permite à “poesia épica apropriar-se do curso das coisas, por um lado, e resignar-se, por outro lado, com o desaparecimento dessas coisas, com o poder da morte”. (BENJAMIN, 1987 p. 210) E é fundamentado nesses dois pontos que parece desenvolver todo o texto.

O narrador parece apodera-se dessas reflexões benjaminianas ao trazer ao público tanta propriedade ao narrar cada fato, cada detalhe, como alguém que conhece bem o protagonista, quase como um ser onisciente em toda a trajetória e que inclusive vai nos dar pistas, durante a narrativa, de prever futuros acontecimentos. É a poesia épica apropriando-se do curso da vida para construção de sua narrativa.

E é o fim da vida, uma metáfora para o suicídio, que marca também o fim da história. A morte poeticamente mostrada em cena de acrobacia aérea que vai trazer a resignação de um narrador perante os acontecimentos de sua vida. Que vai leva-lo a morte como busca para o fim de um sofrimento, e para nós, enquanto espectadores, retorna como a autoridade que toda criatura assume ao fim da vida. Autoridade essa rica de conselhos e histórias. Que é justamente nesse momento, anterior ao suicídio da personagem que percebemos a grandeza e a necessidade de se guardar cada palavra dita, cada memória trazida. A necessidade de proteger na memória, a semente que permitirá a perpetuação dessa narrativa.

Ao final, quando se coloca diante do público aqueles ovos, como símbolos de sementes. Ovos como símbolos da nova geração de Palhásaros e de narradores. Esses, que aparecem sem as máscaras do espetáculo, que aparecem como atores, como narradores e perpetuadores dessa narrativa, por viverem dentro deles as experiências da personagem e que nos trazem agora toda essa narrativa, exatamente da maneira como descreve Benjamin: “Ela (a narrativa) mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirar-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.” (BENJAMIN, 1987 p.205)

Ainda na dimensão da Memória, podemos abordar outro conceito trazido por Benjamin, o conceito de Reminiscência. Segundo ele que “funda a cadeia da tradição,



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

que transmite os acontecimentos de geração em geração” (BENJAMIN, 1987 p. 211). Em um dos últimos trechos extraídos do roteiro temos a passagem que permite-nos perceber a dimensão a experiência passada de pai para filho, a dimensão da reminiscência, da narrativa que é *transmitida de geração em geração*. Ressaltando ainda que esses filhotes, que não puderam conhecer seu pai, mas que “só vieram saber de seu pai como história. Eis uma forma de companhia que não incomoda muito ao Palhásaro – histórias! História contada a eles igual a que contamos aqui. Os filhotes, como o pai, nasceram em busca da paz que não cabe a sua espécie. Voaram, porque além de escutarem a história de seu pai, queriam mais!”. (trecho retirado do roteiro do espetáculo)

Outro ponto interessante é que não é só a narrativa do Palhásaro que está em pauta neste espetáculo. Claro que trata-se da principal, mas os outros pássaro, com seus dramas e experiências, também pontuam essa trajetória e nos traz a discussão outra característica da reminiscência, que segundo Benjamin “ela tece a rede que em última instancia todas as histórias constituem entre si. Uma se articula na outra, como demonstram todos os outros narradores, principalmente os orientais. Em cada um deles vive uma Scherazade, que imagina uma nova história em cada passagem da história que está contando”. (BENJAMIN, 1987 p. 211)

Poder-se-ia destacar também a característica do Teatro de Rua, de trazer a figura do narrador oral, identificado com a categoria *daquele que viaja e tem muitas histórias para contar*. Poderia também recordar o papel da Commedia dell’Arte nesse contexto, que destaca-se como representante mais conhecida dessa forma de se contar histórias, levando a conhecimento do público experiências de vida, mistura de culturas e gerações, tradição, teatro e narrativas! Claro que trata-se de um tema de abrangência grande que apesar de merecer um aprofundamento de estudo, limita-se aqui somente cita-lo como mais um apontamento dentro da reminiscência encontrada na forma de narrar essa história, escolhida pela companhia. E é justamente esse o ponto escolhido para encerrar a reflexão. A forma de interpretação escolhida resgata a figura do narrador oral, mas também a tradição secular do Teatro de Rua.

Citando Pascal, Benjamin novamente recorre à morte e diz que “ninguém morre tão pobre que não deixa alguma coisa atrás de si. Em todo caso, ele deixa reminiscência, embora nem sempre elas encontrem um herdeiro.” (BENJAMIN, 1987 p. 212) Neste caso, não só os filhos do protagonista, também narrador, serão os herdeiros dessas histórias e perpetuarão suas narrativas por todo canto do mundo, como cada espectador que fez companhia a esse personagem “quem escuta uma história está em companhia do narrador” (BENJAMIN, 1987 p. 213) irá multiplica-la. Cada ator que compartilhou dessas experiências, vivendo dentro delas e retirando de si a narrativa apresentada, como todos os demais envolvidos em qualquer parte dessa produção, destacando-se o autor do texto (Gamba Jr.) também tem um papel nessa perpetuação. E finalmente este artigo, fruto da reflexão debruçada nessa narrativa que traz não só uma contribuição para a continuidade da narrativa, como uma reflexão dessa diante das palavras de O Narrador. Assim, a narrativa cumpre seu papel, perpetua-se e garante a não extinção da figura do narrador, como temia Walter Benjamin.

Bibliografia



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

BENJAMIN, Walter. *Obras Escogidas - Magia e Técnica, Arte e Política.* São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987.